PRESCRIÇÕES DE EMBELEZAMENTO NA DÉCADA DE QUARENTA E NO TEMPO PRESENTE: SOBRE A CONFIGURAÇÃO DE UM PROJETO BIOPOLÍTICO DE CONTROLE DO FEMININO

Beatriz Staimbach Albino
Ex-bolsista de iniciação científica (Pibic-Bip/CNPq)
Licenciada em Educação Física/UFSC
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFSC
Bolsista do CNPq e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade

RESUMO
As prescrições de embelezamento são delineadoras de um projeto biopolítico de controle do feminino que encontra nas premissas da indústria cultural fundamental dispositivo. Comparamos dois conjuntos de fontes: a Página Feminina (edições dos anos de 1940/1941) e a revista Boa Forma (algumas edições de 2001-2006). São estratégias de domínio: interiorização da culpa e autovigilância; incitamento a exposição corporal; elogio do mérito; manipulação da utopia de reconciliação com a natureza; normatização por meio da "liberdade de escolhas" e manipulação do desejo. Mecanismos que reduzem a mulher à condição biológica e como próxima da natureza - legitimando a dominação (masculina).

ABSTRACT
The beauty lessons are part of a biopolitical process to control the female body that finds its basis on culture industry. We compare two sources: the "Página Feminina"(1940-1941) and the Magazine "Boa Forma" (2001-2006). The dominations strategies are: inversion of guilty and self-vigilance; body exposition; meritocracy; manipulation of the utopia of reconciliation with nature and free chousing x desire manipulation; the reduction of female in "Biology" and as Nature – to increase the (masculine) domination.

INTRODUÇÃO

Os receituários destinados ao embelezamento têm importância fundamental na configuração dos discursos quanto a um *dever ser feminino*. Suas prescrições para o cuidado de si retrataram as expectativas sociais do tempo específico em que são veiculados, não somente quanto à conduta e às formas corporais das mulheres, mas oferecendo indicativos sobre a dinâmica mais ampla de funcionamento da sociedade – seus princípios, ideais, bem como a posição que é relegada ao feminino.

Objetivando mais bem compreender as *pedagogias* de manuais de beleza, suas estratégias de persuasão e convencimento, a pesquisa investigou dois receituários destinados ao público

feminino. Um deles é a *Página Feminina*,[1] suplemento dominical do jornal catarinense *Dia e Noite*, publicado entre 1936 e 1941 em Santa Catarina. O outro conjunto de fontes é composto pela contemporânea *Boa Forma*, revista de publicação mensal e em circulação de modo ininterrupto há cerca de vinte e três anos. É uma das revistas com maior tiragem no Brasil, vendida também no exterior.

A recorrência a esses dois conjuntos de fontes se deve aos indicativos de que esses receituários são importantes mecanismos de *politização dos corpos*,[2] fontes e vetores de disseminação dos esquemas da *indústria cultural* [3] por via de investimentos somáticos. Pretendemos identificar possíveis contornos de um *projeto biopolítico de controle do feminino* realizado por via das prescrições de embelezamento.

A *Boa Forma* é uma cartilha que contém técnicas (dietas e séries de exercícios), fármacos para a pele e o cabelo com fins de embelezamento do corpo e cuidados com a saúde, e reportagens com temas de auto-ajuda. Trata-se de uma revista destinada às mulheres, às expectativas de consumo que podem ser produzidas ou que se encontram no horizonte de uma feminilidade urbana, contemporânea, impelida à disputa no mercado afetivo masculino (as mulheres de *Boa Forma* são jovens e heterossexuais). Foram analisados os editorais, as chamadas de capa e reportagens específicas sobre saúde e embelezamento, das edições que compreendem as quatro últimas e as duas primeiras de cada ano a partir de setembro de 2001, completando-se em fevereiro de 2006.

Quanto à *Página*, trata-se de um manual sobre os cuidados com a aparência, contendo prescrições de artifícios como maquilagem, vestimenta, acessórios, exercícios físicos, além de dicas de comportamento social no espaço público e privado, informações sobre educação dos filhos, além da exaltação do amor e da maternidade. A *Página* apresentava-se como guia para as tensões vividas pelas mulheres naquela época e veiculava as imagens das atrizes do cinema *hollywoodiano* como modelos de beleza e de conduta. A análise compreendeu o período de outubro de 1940 a junho de 1941, focalizando a estação do verão, momento em que na cidade de Florianópolis já se apresentava uma preocupação com as formas aparentes e o uso de produtos e acessórios específicos para essa estação.

É nesse mesmo tempo que Horkheimer e Adorno (1985) escrevem sobre a indústria cultural, cuja principal expressão era justamente o cinema e suas estrelas. Destacamos assim a importância da análise da *Página*, pois veiculada no período em que a indústria cultural começa a ser gestada no Brasil.[4] Nesse sentido, entendemos que a indústria cultural, tomada

---

[1] Doravante referida, neste trabalho, como *Página*. Ela foi publicada entre os anos de 1939 e 1941, sendo todas as suas edições fotografadas e sistematizadas. Atualmente o material original faz parte do acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

[2] Trata-se de um investimento maciço feito sobre o somático que, como mostra Foucault (1999), foi primeiramente uma preocupação estatal, nos inícios do Moderno, para hoje ser substituído, ainda que não integralmente, por uma aposta do mercado (ou do Estado a serviço do mercado) que posiciona o corpo de modo estratégico/rentável.

[3] Tomamos aqui o conceito de indústria cultural em sentido rigoroso, correspondente àquele que foi cunhado por Horkheimer e Adorno (1985) nos anos 1940, mas desenvolvido por Adorno desde uma década antes até os anos 1960. Trata-se, portanto, de entender a indústria cultural como um conceito ao mesmo tempo crítico e irônico, como um processo que se ocupa, do ponto de vista da organização capitalista, da produção e do consumo dos bens culturais. Não se trata, portanto, de um "sujeito" e não pode ser reduzido ou confundido com a "mídia".

[4] Sobre a centralidade do cinema hollywoodiano no Brasil, entre os anos de 1921 e 1941, para a conformação de um modelo de vida considerado *moderno* – esse pautado nas diretrizes do consumo – ver Figueiredo (2007).

como dispositivo[5] biopolítico, é uma interessante *categoria de análise* para os dois conjuntos de fontes analisados, mas também para outros materiais empíricos desse tipo.

Nas próximas páginas apresentamos as estratégias sutis e *positivas*[6] utilizadas por esses receituários na idealização do feminino. No primeiro capítulo descrevemos como se produz a interiorização da culpa e autovigilância, e a associação da mulher à beleza e o incitamento à exposição corporal como meio de dominação da muher na sociedade patriarcal. Na parte seguinte do trabalho assinalamos a centralidade que possui o discurso meritocrático, as preconizações científicas e a manipulação da utopia de reconciliação com a natureza para se exercer um controle que estimula. No último capítulo apresentamos como a liberdade de escolhas oferecidas e a manipulação do desejo de se sentir incluído serve para a normatização dos corpos e das condutas. Nas considerações finais indicamos como as estratégias descritas anteriormente reduzem a mulher à condição "biológica" e de proximidade com a natureza, legitimando o exercício da dominação (masculina).

1 PARA O EXERCÍCIO DE UMA AUTOVIGILÂNCIA

Imprescindível instrumento de controle, notável nos dois conjuntos de fontes selecionados, são as prescrições de comportamento para os diversos âmbitos que constituem a vida pública e privada da mulher. Com as técnicas disponíveis no mercado – imagens plasticamente organizadas para incitar o consumo e se apresentarem como *a* realidade, ao invés de um discurso sobre ela, reportagens "informativas" sobre produtos e técnicas, frases de auto-ajuda, matérias que deixam a mulher concatenada com os acontecimentos da moda de todo o mundo – é tecido um discurso sobre o que deve ser normal/desejável para as relações a serem estabelecidas com o próprio corpo, com as tarefas domésticas/trabalho, marido/namorado/parceiro (pois os receituários têm como norma a heterossexualidade), filhos, amigos/as, espiritualidade (seja de acordo com as regras da igreja católica, com grande influência sobre os escritos da *Página*, ou o modo de vida "zen" pregado na atualidade), e ainda as roupas adequadas para cada ocasião social. A mulher deve ser o encontro desse conjunto de prescrições.

Complementar a esse projeto normativo são as estratégias de interiorização da culpa, sempre associadas ao incitamento de uma autovigilância, ao serem disponibilizados por esses manuais os conhecimentos necessários para o domínio de si. A mulher é correntemente informada sobre os instrumentos para controlar seu corpo de modo adequado, sendo enfatizado na *Página* o uso diário da balança e o ajuste das roupas na cintura, enquanto na *Boa Forma* o alerta é para que se administre o consumo dos alimentos a partir do número de calorias estipulado como ideal – uma estratégia de controle muito mais minuciosa, eficiente e constante. Tal mecanismo que incita a autovigilância das formas corporais, ao disponibilizar "conhecimentos" e técnicas para tanto, também se aplica ao uso que se deve fazer dos cosméticos, uma vez que numerosa gama de produtos é difundida por esses manuais – pretensamente abarcando variadas condições econômicas. Desse modo, investe-se não na

[5] De acordo com Foucault, trata-se de "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentadas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópica. Em suma: o dito e o não-dito (...). O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos" (FOUCAULT, 2000, p. 244). De modo geral, é o encontro das técnicas de dominação e do eu.

[6] Refere-se a potencialização do corpo exercida pelo indivíduo a partir da produção do desejo sobre ele (FOUCAULT, 2000).

coerção, mas na indireta culpabilização da mulher que não faz uso dos recursos/conhecimentos disponíveis, culminando com a responsabilização individual por ser ou não bela – ou ainda *moderna*, como categoriza a *Página*.[7]

Em tempos hodiernos, o controle por meio da culpabilização ganha contornos sempre mais sutis e até afirmativos, como, por exemplo, pelo ambíguo desencorajamento de uma cobrança excessiva sobre si mesma.[8] Ao ser feito isso, todavia, são reforçadas indiretamente as situações que deveriam provocar culpa na mulher – uma sutileza no controle das condutas que não se notava na década de quarenta do século passado. No período estadonovista, ainda eram comuns as prescrições de beleza e comportamento serem pautadas na necessidade de manter o casamento. Apesar dos novos contornos, como a ênfase no aspecto da sedução, tal como identificado na *Boa Forma*, em detrimento ao imperativo da união ou manutenção legal dos laços conjugais, ainda permanece a determinação da relação de dependência para com o sexo oposto. Se por um lado a mulher hoje pode exercer sua sexualidade de modo mais "livre" do que na metade do século vinte, todavia permanece subjugada ao poderio masculino, que determina as características do que é ou não belo – aproximando-se do ser *sexy* na contemporaneidade – e os investimentos a serem feitos no corpo – território primeiro da beleza.

A partir da análise da posição da mulher na sociedade patriarcal, Horkheimer e Adorno (1985) afirmaram que, apesar das exigências quanto ao comportamento feminino terem se alterado, a lógica da subordinação permanece a mesma. Para eles, o que seria o agraciamento da mulher como representante da beleza, é o mecanismo que concretizou a sua submissão espontânea ao mundo da dominação, pois o prestígio adquirido somente oculta a posição de objeto sexual a que as mulheres foram relegadas em uma sociedade regida pela força bruta. O feminino sempre representou a natureza e a licenciosidade, precisando por isso transformar esses vestígios em virtude e recato, símbolos da civilização patriarcal e concomitantemente de beleza. Hodiernamente, como explicam os filósofos alemães, "as mulheres prisioneiras do sistema continuam a provar pela promiscuidade a obediência à ordem existente que demonstravam antigamente pelo recato apenas; pelo ato sexual indiscriminado, continuam a provar a rígida subordinação à razão dominante." (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 233).

Na *Página* é possível encontrar indicativos dessa transposição de um mecanismo de dominação para outro, estando presentes prescrições para a manutenção do pudor como distintivo de beleza, mas também de imperativos a exposição do corpo. Parece iniciar-se aí um processo de subsunção da moral à estética, talvez fruto da influência do cinema no país – veículo privilegiado dos desígnios da indústria cultural no período e de concretização de um ideário de "controle-estimulação".[9] Nessa época, as restrições em expor o corpo dependiam largamente da beleza que se possuía ou não. O sentido da palavra "imoral" vai sendo

---

[7] A expressão *moderna* há muito tempo carrega em si grande positividade, sobretudo no Brasil e mais ainda no período estadonovista (ALBINO; VAZ, 2005).

[8] A revista afirma que a mulher não deve se sentir culpada se "sabotar a dieta comendo chocolate fora de hora", ficar sem malhar, "trabalhar demais e dar atenção de menos aos filhos, por ficar meses sem telefonar para os amigos mais queridos" (CAVALHEIRO, 2002, p. 85), entre outros *deslizes*.

[9] Expressão utilizada por Foucault (2000), para explicitar uma nova configuração de domínio que não se dá pela repressão, mas por meio do estímulo de mostrar e fazer-se desejar, desencadeando o investimento *positivo* sobre o corpo.

deslocado para a apropriação errônea das recomendações de beleza,[10] e da exposição de um corpo que não esteja em forma. Um imperativo que é atualizado e potencializado contemporaneamente, em que o corpo não apenas pode, mas deve ser mostrado, exibido, para que possa na mesma medida ser apreciado, desejado ou apenas tão somente notado – contanto que esteja adequado para isso.

2 SOBRE O CONTROLE QUE ESTIMULA

A beleza é para o feminino um imperativo e, como pretensamente acessível a todas, o fato de não cuidar do corpo, ou pelo menos não "reforçar" os pontos fortes da aparência, é subsumido ao âmbito da moral – uma vez associado ao desleixo, descaso e falta de amor por si mesma. Tal atitude tem sido gradativamente categorizada como patologia, devendo a falta de auto-estima ser investigada pela mulher, pois considerada um indicativo de depressão que precisa ser extirpado, seja por técnicas que são apresentadas pela revista *Boa Forma*, tais como "mentalizações de pensamentos positivos", ou por tratamento médico (o que é mais raro de ser encontrado como prescrição). É corrente assim a revista *Boa Forma* utilizar-se desse recurso pedagógico, que tende a ser eficiente sobretudo frente à responsabilização hodierna do indivíduo quanto ao estresse que o assola.[11] Para estar em sintonia com o seu tempo, a mulher precisa saber fazer uso racionalizado dos momentos dedicados ao trabalho e ao entretenimento, caso contrário, como resultado de sua irresponsabilidade para consigo mesma, poderá desenvolver distúrbios psicológicos, como baixa auto-estima, que tende a desencadear algum malefício físico – esta associação é feita, de modo mais ou menos explícito, na falta de beleza que é resultante desse processo.

Nas assertivas da *Página*, que ensinam a mulher a ser *moderna*, esse tipo de dispositivo de controle a partir da relação com o trabalho ainda não tinha tomado contornos tão sutis como no presente, mas, pelo modelo capitalista-industrial que se instaurava e que incitava a participação do feminino no mercado de trabalho – ou ainda à sua estrutura organizacional do tempo e da vida –, ele já começava a ser gestado. Era por isso recomendado o uso racionalizado das atividades domésticas, o equilíbrio entre as responsabilidades do lar e do trabalho, a depreciação da "mulher preguiçosa", o incitamento à prática regular de exercícios físicos. Assiste-se nesse momento ao gradativo abandono do ideário em que as qualidades da mulher são de procedência divina, para a predominância do mérito, sobretudo com relação à beleza.[12]

A meritocracia da beleza, inseparável da responsabilização feminina, vai tomando um aspecto cada vai mais tentacular e sutil, e tem como fim a ação sobre o corpo no sentido de sua potencialização (embelezamento). A beleza é, já na década de quarenta do século passado, considerada sinônimo de saúde e felicidade; e por isso almejada como ícone de civilidade e prestígio social. Naquele período as prescrições para o embelezamento eram fortemente calcadas no discurso higienista, o qual se manifestava, por exemplo, no incentivo à limpeza. Contemporaneamente, o fomento do desejo de possuir um corpo sarado, asséptico, que não denote marcas de envelhecimento, permite questionar sobre a perpetuação, ou talvez uma

[10] Esse "receio moral" de não fazer bom uso dos produtos de beleza, em detrimento ao medo de parecer libertina, é citado por Sant'Anna (1995) como presente nos anos de 1960. Nota-se pela análise da *Página* que essa configuração social é anterior a esse período.

[11] Sobre a "culpabilização da vítima" nos discursos de "promoção de um estilo de vida ativo", consultar Palma et. al. (2003).

[12] Sobre esse assunto ver Albino; Hammes; Vaz (2008) e Sant'Anna (1995).

atualização, dos ideais higienistas e eugenistas em nossos dias por meio das exigências contínuas feitas pela mídia na adequação a um ideal estético, ícone de perfeição, tal como fizeram Priore (2000) e Soares (citada por Góis Júnior e Lovisolo, 2003).

É fundamental aqui citar o papel ocupado pela ciência, não somente na constituição de um ideal de beleza – aspecto das teorias eugenistas do início do século passado –, mas sobretudo para a legitimação dos conhecimentos a serem seguidos no árduo processo de embelezamento. A formulação de uma crença no que é científico se apresenta nos escritos da *Página* pela referência aos *especialistas* e na descrição dos efeitos fisiológicos provenientes da prática de exercícios físico. Essas estratégias tratam de reforçar a autoridade da ciência, repetindo-se na *Boa Forma*, e ganham cada vez mais destaque ao serem acompanhados de novas táticas de convencimento, como a referência a medidas exatas e/ou tempo certo para o alcance do emagrecimento e da fortificação do corpo, o uso dos corpos esculturais de modelos e atrizes para legitimar o efeito dos programas de treinamentos cientificamente formulados, entre outros.

A ciência deve servir para lapidar o corpo de modo eficiente. As técnicas vendidas por esses manuais incitam a manipulação do corpo até a obtenção de contornos estabelecidos como "perfeitos". Vale fazer referência aos escritos de Horkheimer e Adorno (1985) sobre a perversidade que perpassa essa exaltação das "belas formas". De acordo com eles, o fetiche pelo progresso atingiu a relação com o corpo, devendo esse ser a expressão encarnada do poderio humano, portanto belo, e por isso ícone de plenitude e de uma pretensa reconciliação com a natureza.[13] Esse modelo ideal de beleza porém, só pode ser alcançado por uma submissão do corpo, no sentido do controle extremo de suas "paixões", afastando-o assim cada vez mais do que seria o corpo vivo (*Leib*), tanto mais que este é transformado em apenas um corpo anatômico (*Körper*), já que potencializar o corpo só é possível enquanto esse é objetivado, tratado como coisa que se pode manipular (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Essa relação com o corpo é escamoteada, enquanto a promessa de reconciliação com a natureza não cessa de ser repetida, seja de modo indireto, ao se exaltar as belas formas, ou por meio de uma certa "pedagogia do natural", identificada na revista *Boa Forma*. Nela se idealiza uma beleza que seria inata a cada mulher, e portanto natural, de nascença, e que deve ser preservada e potencializada. Ao mesmo tempo se estimula a busca por uma aparência que não denote artificialidade, e o uso de recursos embelezadores que sejam "naturais", ou pouco "artificiais". Nesse discurso, o corpo é considerado "puro", não devendo ser manipulado, ou sendo tão menos quanto possível. Escamoteia-se assim que a própria discussão sobre o uso de técnicas "menos ou mais invasivas" (ou "artificiais"), apenas ratifica que, realmente, o corpo é objeto de manipulação, e que procedimentos "artificiais" e "naturais" igualam-se por objetivar o alcance de uma beleza padronizada (ALBINO; HAMMES; VAZ, 2008).

Esse mito, presente na revista *Boa Forma*, do corpo como "puro", e de elogio de uma beleza (que deve ao menos parecer) "natural", pode ser considerado uma atualização daquele presente na *Página*. Nele, a mulher é instigada à imitar e manter-se próxima dos elementos do meio ambiente natural, pois, como a natureza, seria afeita ao que é irracional e indeterminado, os sentimentos e as paixões. Da mesma maneira que o corpo, representante da natureza que

[13] O desejo de reconciliação é, para os pensadores alemães, proveniente da forja da civilização, que precisou solapar a natureza externa, mas também interna – de si mesmo –, em troca da sobrevivência e da cultura. A utopia de reconciliação com essa natureza significaria a satisfação imediata das pulsões, da simples sobrevivência, sem memória, e por isso sem cobranças e culpas – algo que não é possível, mas constantemente prometido pelos veículos da *indústria cultural*.

compõe o ser humano, subentende-se que a mulher deve ter o mesmo destino, oposto à racionalidade, conhecida e então dominada (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). Ao associar a beleza como oposto ao artifício, a *Boa Forma*, acaba por reforçar a associação da mulher com a natureza.

3 A "ESCOLHA" PELA NORMA

As promessas de reconciliação com a natureza são apenas um dos meios de normatização pelos esquemas da *indústria cultural*. A simbólica do poder é um importante mecanismo de manipulação das massas, estando presente na determinação da imagem de um corpo belo como ícone de sucesso, liberdade, felicidade, mas também na produção de identidades. A mulher é essencialmente o seu corpo lapidado por dietas, exercícios, cirurgias, ou outros conhecimentos fornecidos pela indústria da beleza. A busca de cada uma, porém, é por ser individual, possuidora de uma beleza única – é a partir desse imperativo que se incita o consumo.

Presta-se a isso o apelo ao sistema das "estrelas", o elogio de suas qualidades "singulares" e conseqüentemente dos produtos que utilizam. É comum encontrar na *Página* comentários sobre o cotidiano e as receitas de beleza das divas do cinema *hollywoodiano*. Hodiernamente as detentoras dos saberes que embelezam se multiplicaram: são atrizes/modelos/dançarinas que repetem sem cessar o prestígio "sem igual" que possuem. Porém, como destaca Adorno (1986, p. 94), "a individualidade mesma contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que desperta a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio de imediatismo e de vida". A "estrela" é somente uma variação do padrão de beleza hegemônico e os produtos que ela usa são somente o "mesmo" apresentado como "novo" e especial.

Exemplos quanto à importância que possui a *novidade* para a constituição de um imaginário que prioriza o individual, juntamente com o recurso da apresentação do "velho disfarçado de novo", não faltam na revista *Boa Forma*.[14] O que vigora é a promessa de que "agora" os resultados esperados serão obtidos. A leitora é assim condicionada a postergar a gratificação de suas necessidades, convencida pela revista de que a satisfação prometida será possível, desde que consuma a nova técnica de embelezamento que lhe é indicada. Dessa maneira, o recalcado sempre tende a retornar, e é isso que a *indústria cultural* promove e usa em favor do consumo.

O incentivo à construção de uma individualidade se realiza também pela "possibilidade de escolhas" oferecida pelos receituários. A revista *Boa Forma* disponibiliza diferentes tipos de dietas, modalidades de atividade física, momentos em que é possível praticar exercícios – no engarrafamento de trânsito, enquanto se assiste televisão, entre outros –, produtos cosméticos para distintas condições financeiras, roupas, e outros quesitos para que a leitora tenha um "estilo". Essencial é que se faça *alguma* escolha, sendo objetivada a aproximação tanto maior possível ao modelo hegemônico de beleza. Nesse sentido, a possibilidade da leitora ter um "estilo" próprio acaba por se esfacelar, seja porque essa "opção" adquire um tom de imperativo, seja pelo fato de que os "estilos possíveis" se restringem ao que é veiculado.

A "liberdade de escolhas" é evidente já no período em que a *Página* foi publicada. Como exemplo de opções dadas àquelas com recursos financeiros restritos, está a confecção de

[14] É corrente encontrar em diferentes edições: o "power pilates"; uma aula de pilates na piscina; outra que une o pilates com a ioga, prometendo "duplo efeito". Há inúmeros exemplos que, na verdade, não mudam quase nada em relação de um para o outro, mas que enfatizam que o *novo* método é eficiente.

“preparados” de beleza caseiros – fundamental era a ação sobre a aparência. Nota-se já nessa época, a incipiente constituição de um ideário de necessidade e de naturalização do uso cosmético,[15] juntamente com o fomento ao consumo a partir do elogio do que era “novidade” no mercado.

A análise dos dois manuais de beleza referidos indica a centralidade das escolhas para a (pseudo) elaboração de um “estilo” individual como dispositivo biopolítico de controle. Um mecanismo que faz uso por um lado, da busca da singularidade, e por outro, responsabiliza a mulher pela eleição de alguma das opções, “normalizando” seus corpos e suas condutas, pois os “tipos” de beleza/ “estilos” são organizados em torno de uma norma.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As fontes permitem assinalar um *controle biopolítico do feminino* que encontra nos mecanismos da *indústria cultural* um eficiente dispositivo. A manipulação de se sentir incluída efetiva a politização dos corpos e das condutas das mulheres de uma maneira que é *positiva* e alcança os mais diversos âmbitos da vida. Imprescindível mecanismo de controle é a simbólica do poder instituída em torno do corpo. Ser dotada de formas “perfeitas” significa, nos termos dos receituários analisados, materializar a felicidade em si; juntamente com todos os demais ícones de prestígio que lhe são impingidos.

Atentamos aqui para alguns dos dispositivos que são complementares a esse ideário de poder. Para além da ênfase na novidade, a repetição do *sempre-mesmo*, e as promessas que não se cumprem – todos importantes e conhecidos mecanismos da *indústria cultural* –; referimo-nos ao enaltecimento do ideário meritocrático, lapidado em meio ao ambíguo jogo que culpabiliza e responsabiliza a mulher. Também se observam a relação de saber-poder instituída pelo fomento de uma crença desmedida na ciência, seus especialistas e produtos, e o caráter de obrigação ao embelezamento e de autovigilância imputado pelo “conhecimento” e “liberdade de escolhas”. Salientamos que todos esses são mecanismos que fomentam a redução do “sujeito” ao corpo, à vida puramente biológica, em oposição ao que seria uma vida política, qualificada.

Por fim, ressaltamos as repetidas promessas de reconciliação com a natureza: a exaltação do corpo “perfeito”, a produção do mito quanto ao corpo “puro”, o elogio de uma beleza “natural”, a depreciação de métodos ditos “artificiais”, a exaltação da liberdade de (dever) exibir o corpo – todos dispositivos que reforçam a condição milenar destinada ao feminino. Próxima da natureza, dos animais, do sentimentalismo e da irracionalidade, há que ser dominada, subjugada – ao ser mantida na condição de natureza –, ainda que por meio de sua associação com a beleza.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. (Org.) **Theodor W. Adorno:** sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p. 92-99.

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. **Movimento.** v. 14, n.1, 2008, p. 199-223.

[15] Isso é notável nas seguintes assertivas: “**Naturalmente** que você faz uso de cosméticos nas pestanas” (*Página..., 02/03/*1941, grifos nossos), ou ainda de que “Tais preparados são **absolutamente necessários** para certos tipos de pele” (*Página..., 06/10/1940*, grifos nossos).

_____. “Mulher como deves ser”: um estudo sobre a educação do corpo feminino no jornal *Dia e Noite*. **Temas & Matizes**. Cascavel, v. IV, n 7, p. 63-73.

ALBINO, B. S.; HAMMES, P. D.; VAZ, A. F. “Certezas” ambíguas: entre o “dom” e o “mérito” de ser bela, segundo a revista Boa Forma. **Lecturas**. v 12, n 117, fev 2008, p. 1-7.

_____. Um interesse pelo corpo-natureza: embelezamento, artifício, romantismo. **Lecturas**. v. 12, n. 118, março 2008, p. 1-9.

CAVALHEIRO, T. Chega de culpa. **Boa Forma,** São Paulo, v. 17, n. 2, p. 85, fev. 2002.

FIGUEIREDO, P. K. Recôndidos da *belleza*: as práticas corporais em *cinearte* e *scena muda* (1921-1941). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2007. Pernambuco. **Anais...** Pernambuco: CBCE, 2007. p. 1-9

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

_____. **Em defesa da sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

GÓIS JÚNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XIX. **Rev. Bras. De Ciências do Esporte**, Campinas; v. 25, n. 1 p. 41-54, set. 2003

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

PÁGINA Feminina, Florianópolis, ed. 792, 02 de março de 1941.

PÁGINA Feminina, Florianópolis, ed. 689, 10 de outubro de 1940.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In:_____(Org.). **A saúde em debate na educação física.** Blumenau: Edibes, 2003. p. 15-31.

PRIORE, M. D. **Corpo a corpo com a mulher***:* pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000. 103 p.

SANT’ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino. In:____(Org) **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.121-139.